



CAPOEIRA: ARTE GENUINAMENTE BRASILEIRA

SANTANA, Glauciele Floresta¹

RESUMO

Seria realmente a capoeira uma representante genuína da arte e cultura brasileira? Ao se pensar no tema, é possível contrapor a intensa busca por documentos que comprovem sua origem versus a ideia de que a mesma já existia em algum lugar na África. Alguns questionamentos ainda persistem, uma vez que contendo elementos culturais brasileiros, a capoeira deve estar ligada aos povos que compuseram a formação dessa estrutura social. O artigo aborda e verifica a participação indígena na composição das bases da capoeira, uma vez que contribuições europeias e africanas se encontram mais evidentes na mesma. Do canto às palmas, da roda ao jogo, do modo de dançar às lutas, a pesquisa espera contribuir para a comprovação de que houve uma interação, uma troca de conhecimentos entre os nativos brasileiros, seus colonizadores bem como os escravos trazidos da África, culminando no que se conhece hoje como a Capoeira.

Palavras-chave: Cultura Brasileira. Indígenas. Arte. História do Brasil.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo está subdividido em dois tópicos, em que no primeiro será abordado a base histórica do surgimento do povo brasileiro e, sua peculiar sociedade, arte e cultura. No segundo tópico, é apresentado a relevância do tema sobre a capoeira, para a sociedade atual, onde a participação indígena, nesse tipo de manifestação, é pouca ou, quase nunca lembrada. Posteriormente, a metodologia será evidenciada apresentando os principais autores escolhidos para fundamentar o trabalho, encerrando com as considerações finais.

O objetivo principal desta pesquisa é propiciar um contato inicial com as raízes da arte e cultura brasileira através da capoeira. A leitura e interpretação de documentos variados a fim de uma conclusão sobre o tema foi necessária para a descoberta de uma arte e cultura genuinamente produzida, criada em nosso país.

¹ Formada em Licenciatura em Educação Física pela UNICESUMAR(2021), Bacharel em Publicidade e Propaganda pela UNI – BH (2001), Pós Graduada em Sociologia das religiões pela FaSouza (2021).

Para tanto, autores, documentos e muitos arquivos foram pesquisados na busca de tentar responder a essas questões, que revelam o pouco aprofundamento sobre o tema, quando se tenta entender os elementos principais formadores da capoeira e a sua conexão com a cultura indígena brasileira, podendo assim contribuir com futuras pesquisas sobre o assunto.

2. CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA CAPOEIRA

Não é novidade que o Brasil tem sua estrutura social, seu povo, suas origens baseadas em muitas etnias, sendo assim, ser brasileiro é representar a diversidade de “Brasis” que existem dentro do Brasil, todas as essas misturas de povos, artes e culturas.

Apesar de não ter um modelo inicial de sociedade e, ser estruturado em situações de muita truculência, violência, escravização, uso de força, racismo, invasões de terras unicamente para exploração, dominar e povoar o “novo continente”, o brasileiro, mestiço por natureza, se beneficiou na riqueza cultural, a qual se deleita até nos dias de hoje.

O povo-nação não surge no Brasil da evolução de formas anteriores de sociabilidade, em que grupos humanos se estruturam em classes opostas, mas se conjugam para atender às suas necessidades de sobrevivência e progresso. Surge, isto sim, da concentração de uma força de trabalho escrava, recrutada para servir a propósitos mercantis alheios a ela, através de processos tão violentos de ordenação e repressão que constituíram, de fato, um continuado genocídio e um etnocídio implacável. (RIBEIRO, 2014, p. 23)

Entender como toda a miscigenação formou a sociedade atual, faz toda a diferença quando resultados, produtos da mesma são encontrados. Nossas comidas, nossos ritmos, nossa língua e a variedade de sotaques, nossas danças, contos populares, folclore...

Tudo está interligado e relacionado com a história construída, basicamente, por esses três povos: os nativos indígenas, os negros escravizados e os colonizadores portugueses.

A capoeira é uma das artes, frutos dessa miscigenação e, é repleta de figuras, rica em representações genuinamente brasileiras.

Autores como Luiz Renato Vieira, Nestor Capoeira, Camille Adorno, Ângelo Decânio Filho, Dr. Antônio Carlos Muricy, Dr. Luiz Fernando Goulart, dentre outros, dedicam seu tempo para a história da capoeira, tecendo teorias e pesquisando sobre o assunto.

A maioria da documentação, do passado histórico do Brasil, foi escrita através do prisma de seus colonizadores, pessoas brancas e com interesses de extração, dominação, de povoar e de catequisar. Nessa realidade, pouco ou quase nada foi documentado sobre a verdade dos nativos e dos negros, vindos da África.

As teorias são como a tentativa de se montar um quebra cabeça, onde muitas peças estão desaparecidas.

“Ruy Barbosa, quando ministro da Fazenda, com o argumento de apagar a história negra da escravidão, mandou incinerar uma vasta documentação relativa a esse período”. (MELLO, 1996, p. 29)

Mesmo que a capoeira seja uma arte relativamente nova, ao ser comparada com outros ritmos, danças ou lutas, existem boas tentativas de explicação de sua origem.

Para Mestre Pastinha: “Não há dúvida que a capoeira veio para o Brasil com os escravos africanos”. (PASTINHA, 1998, p. 26)

Para Inezil Penna Marinho (1956), não existem dúvidas de que a capoeira foi trazida para o Brasil pelos negros africanos bantos procedentes, principalmente, de Angola. A capoeira que veio nos navios negreiros da África, evoluiu em solo brasileiro.

Já o autor Nestor Capoeira (1998, p.34), contrapõe essa ideia, e afirma que a capoeira ou jogo similar, “não existe nem é praticado em terras africanas”, a capoeira foi criada em Salvador, no Recôncavo Baiano, durante o século XIX, fruto das trocas nos navios, entre as pessoas escravizadas e seus colonizadores.

Para além, Adorno (1999) ressalta que, a ocorrência de uma mistura de culturas em que expressões corporais e musicais facilitavam contato e troca entre pessoas de diferentes tribos e línguas.

Numa arma de ataque e defesa que os ajudou a subsistir e a impor-se num meio hostil (...) dançar, batucar, rezar e cantar eram modos encontrados para alívio da asfixia da escravidão (ADORNO, 1999, p.25)

Para Douglas Tessuto (2012, s.p.), historiador da capoeira, tudo começa nos nativos brasileiros:

a começar é pela própria palavra que é de origem indígena, pois se fosse oriunda da África ou de misturas de artes africanas, a lógica é que a CAPOEIRA teria também um nome africano, coisa que não ocorre, outro aspecto muito lógico também, é que as etnias de negros trazidas para o Brasil para serem escravos, também foram levados para vários outros países para também serem escravos, e a capoeira nunca veio a se manifestar em algum outro lugar a não ser no Brasil, além de que nunca existiu CAPOEIRA na África, a não ser atualmente que existe, devido a brasileiros terem levados a CAPOEIRA para lá.

E, mesmo depois de muitas pesquisas, até o momento, a capoeira não foi encontrada em nenhum outro lugar no mundo.

2.1 ORIGENS DA CAPOEIRA

A Capoeira, denominada como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO em 2014, tem nomenclatura com diversas definições. Do Português, uma espécie de gaiola grande ou espaço vedado, onde se alojam ou criam galinhas. Do Tupi-Guarani, uma espécie de perdiz (ave galinácea brasileira), zona de mato cuja vegetação foi roçada ou queimada para permitir o cultivo ou para outro fim, vegetação que nasce após a destruição da mata virgem, dentre outras, sendo que a que melhor se adapta é "mato que já foi roçado", podendo indicar o local onde a mesma era praticada.

Assim, como a origem do significado da palavra, a prática da capoeira também tem sua origem contestada e em sua maioria, apontada por ter ascendência na África, sendo trazida com os escravos para o Brasil.

Essa afirmação trás consigo perguntas ainda sem resposta, como:

- Se a luta foi trazida da África, por que não se pode encontra-la no continente africano?
- Se a capoeira era parte da cultura africana e os mesmos foram "comercializados" mundo afora, por que não se desenvolveu em nenhum outro lugar?
- Se a capoeira é africana, por que a língua usada para músicas, nomes de golpes são em português do Brasil?

A participação africana na construção do Brasil é inegável, porém, não se deve esquecer que, o brasileiro é um povo mestiço, com traços dos nativos brasileiros, hoje chamados de indígenas, europeus e povos vindos dos demais continentes, uma vez que após a abolição, o Brasil abre suas portas a estrangeiros a serem usados como mão de obra em todo o país.

A miscigenação entre brancos e negros originou os povos chamados de mulatos. Já da mistura entre índios e brancos surgiram os mamelucos, considerados como os primeiros brasileiros no período após o descobrimento. Já a miscigenação entre índios e negros deu origem aos cafuzos. [...] é impossível dizer que apenas essas etnias formam a população brasileira, conforme o “mito das três raças” e suas derivações. Na verdade, existem centenas ou talvez milhares de agrupamentos diferentes ao longo do território brasileiro, de modo que qualquer classificação sempre restringirá a um certo limite algo que é muito mais amplo. (PENA, s. d.)

Para entender a capoeira, primeiro deve entender como se formou o povo e a cultura brasileira.

Uma linha temporal, seria a melhor solução, para tentar visualizar o caminho tomado para a “invenção” da hoje conhecida arte da capoeira.

2.1.1 Linha do Tempo

Inicialmente, é possível constatar que os índios, com seus costumes e lutas, relacionaram, de alguma forma, com os europeus, principalmente, com os portugueses por, aproximadamente, 39 anos, período que durou até que os escravos africanos começaram a serem trazidos.

Filhos de indígenas e portugueses dão início ao povo brasileiro.

Escravos, índios e negros permaneceram juntos em senzalas, compartilhando experiências sociais e, sendo ao mesmo tempo, influenciados por culturas europeias.

Os frutos dessas relações tiveram nomenclatura de caboclo, mulato e cafuzo. E desde o início da chegada dos portugueses ao Brasil, tal miscigenação nunca deixou de acontecer.

Os escravos indígenas são trocados por povos africanos, que chegaram ao Brasil até 1888 pois, o país foi o último no mundo a abolir a escravidão. Os povos indígenas foram dizimados.

E, foi em meio a tudo isso, além do surgimento dessa nação, surge, também, a capoeira, a qual passou despercebida, por ter elementos de festa, como: música, coro e palmas. Muitos, confundiam a capoeira com algum tipo de dança. Outros, quando tinham contato com os negros que a praticavam, era apresentada como luta.

A capoeira, a “invenção” brasileira, foi usada como instrumento de libertação e, como força para o exército brasileiro, na guerra do Paraguai. Foi proibida de 1890 a 1937. Reformulada e reinventada, assim como o povo brasileiro. Os Mestre Pastinha e Mestre Bimba, são representantes do modelo de capoeira, tendo seguidores por todo o Brasil e mundo. Segundo relatório do Ministério das Relações Exteriores, existem 538 associações, que promovem o ensino da capoeira, em 72 países.

2.1.2 Mestre Pastinha

Vicente Ferreira Pastinha, conhecido como Mestre Pastinha, nasceu em 5 de abril de 1889, em Salvador / BA. Iniciou a aprendizagem da capoeira, aos 10 anos com um velho ex-escravo, com intuito de se defender das surras que vinha levando de outra criança.

A minha vida de criança foi um pouquinho amarga. Encontrei um rival, um menino que era rival meu. [...] E, na janela de uma casa, tinha um africano apreciando a minha luta com esse menino. Então quando acabava de brigar, que eu passava, o velho me chamava: ‘Meu filho, vem cá!’ [...] ‘Você não pode brigar com aquele menino. Aquele menino é mais ativo do que você. Aquele menino é malandro!’ [...] Então, aceitei o convite do velho, que pegava a me ensinar capoeira. Ginga pr’aqui, ginga pra lá, ginga pr’aqui, ginga pra lá, cai, levanta. [...] ‘Você já pode brigar com o menino’. [...] De dentro de casa o menino pulava no meio da rua com o satanás. Aí, pegou a insistir e na hora que eu insisti, pum, passou a mão. Eu saí debaixo. [...] Ele insistiu a terceira vez, eu aqui rebati a mão dele e sentei-lhe os pés. Ele recebeu, caiu. Tornei a sentar o pé nele, ele tornou a cair. A mãe dele foi e disse: ‘Vê se não vai apanhar!’ Aí eu disse: ‘Vai ver ele apanhar agora!’ (Pastinha, 1998, s.p.)

Aos 21 anos, saiu da marinha para se tornar professor de capoeira, entretanto na época, a prática da capoeira era proibida, pelo código penal da época. Em pouco tempo, menos de 3 anos depois, Pastinha teve que parar suas atividades, no período de 1913 a 1934, com o endurecimento da lei e para sobreviver, teve vários outros trabalhos. A capoeira foi proibida no Brasil de 1890 a 1937.

Em 1941, Mestre Pastinha fundou o Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA), no largo do Pelourinho, em Salvador. Ficou muito conhecido, em muitos lugares, além de Salvador pois, sua academia era frequentada por celebridades como Carybé, Jorge Amado e Mário Cravo. Foi “cantado”, por Caetano Veloso, no disco Transa (1972).

Letrado, em 1964, o mestre publicou o livro Capoeira Angola, defendendo a natureza desportista e, enaltecendo a característica de ser um jogo que não é violento, apesar de ter iniciado na capoeira para tentar se defender.

Morreu em 13 de novembro de 1981, esquecido em casa. Foi expulso do Pelourinho, pela prefeitura da cidade em 1971. Adoeceu, ficou cego e morreu aos 92 anos.

É apontado, como referência, ao citar nomes dos mestres da capoeira e, é fonte de inspiração para inúmeras pessoas. É “contado” e “cantado”, diariamente, nas rodas de capoeira.

2.1.3 Mestre Bimba

Conhecido como o criador da Luta Regional da Bahia ou Capoeira Regional, Emanuel dos Reis Machado ou Mestre Bimba, nasceu em 23 de novembro de 1899, na capital da Bahia, Salvador.

Iniciou a capoeira em 1912 e, começou a ensina-la em 1918, aos 18 anos. Seus alunos eram da classe privilegiada da cidade, como filho de desembargador, familiares de ex-governador do estado da Bahia, jornalistas, dentre outros.

Aos 29 anos, ele criou a mistura do batuque com a angola, chamando de “Regional”. Ficou conhecido por tirar a capoeira da marginalidade e, também, foi um exímio lutador e professor. Impunha aos seus alunos, muitos dos quais, frequentavam a universidade da cidade, regras como não fumar ou beber, ter um trabalho ou estudo, além de ser aplicado aos seus ensinamentos, sempre respeitando as pessoas.

A capoeira regional, ainda é confundida com “capoeira rápida”, mas, a intenção de Mestre Bimba era que a capoeira pudesse ser estudada, comparada a outras atividades físicas, ser tão precisa quanto qualquer outra luta ou dança conhecida por ele.

... a importância dos movimentos do pescoço...
... durante a prática esportiva em geral...
... na dança... na corrida... na natação ... na respiração...
... até na meditação!
... não é à-toa que se fala em queixo erguido...
... e peito arfante...
... como expressão de bravura!
[...] AFOBAÇÃO I LIGÊREZA NUM É AGILIDAD!!" (DECÂNIO FILHO, 1997, p. 70)

Em 1930, o presidente permitiu a prática, vigiada, da capoeira. Mestre Bimba se aproveitou da brecha e fundou a primeira academia de capoeira do Brasil. Em 1956, após uma apresentação, o Presidente Getúlio Vargas, declara: "a capoeira é o único esporte verdadeiramente nacional".

O ano de 1973 é marcado pela mudança de Mestre Bimba, para Goiânia e, em 5 de fevereiro de 1974 foi noticiado a data de sua morte, devido a um derrame cerebral. Em 12 de junho de 1992, a Universidade Federal da Bahia, concedeu-lhe o título de Doutor Honoris Causa.

Também conhecido como "pai da capoeira", seu nome será sempre lembrado pela luta ao reconhecimento da arte da capoeira, dentro da sociedade brasileira.

2.2 ELEMENTOS DA CAPOEIRA ENQUANTO ARTE BRASILEIRA - LUTA, MÚSICA E DANÇA

Quando a invasão ao território brasileiro teve início, a população indígena estava compreendida por todo o país.

Segundo a FUNAI (2020), a população indígena em seu "descobrimento" (ano de 1500) era de aproximadamente 3.000.000 habitantes, 1.000 povos diferentes, sendo que, aproximadamente 2.000.000, estavam estabelecidos no litoral do país e 1.000.000 no interior.

Com tantos indígenas ocupando o mesmo território, não é de se surpreender que haviam lutas entre as diversas tribos, o que pode ser confirmado, pois, os colonizadores se beneficiaram, por conseguir apoio de algumas tribos, enquanto outras, se uniram contra os invasores, como na chamada Confederação dos Tamoios, em 1554.

Na ocasião, esperava-se que esses indígenas soubessem lutar e que tivessem, também, o treinamento necessário para o uso das armas, e/ou o conhecimento de como guerrear.

Lutas sem o uso de armas, apenas usando o recurso corporal, como o Huk Huka, encontrada no norte do Brasil, eram feitas com formato de comemoração, onde duas pessoas fazem um combate no centro e assim, como a capoeira, ao final, se abraçavam e saíam da roda. Já a luta Marajoara, tem cunho espiritual, onde lutar banhado pela lama abre caminho para um ano de fartura na tribo. A luta Idjassú, dos Karajás tem prática demonstrativa. O Aipenkuit, da tribo Paracatejê gavião, do Pará e dos Tapirapé e Xavante do Mato Grosso, são mais um entre vários exemplos de que os indígenas brasileiros sempre praticaram lutas, cercados de outras pessoas, com uso ou não de instrumentos musicais, de cunho religioso ou, não e, na maioria das vezes, em círculos.

O estilo de luta em particular, chamado Xondaro (pronuncia-se xondáro), praticada pelos índios Guaranis, se assemelha a descrição da capoeira, onde os índios praticam uma luta, que tem aspectos orientais (artes marciais), como a ênfase no equilíbrio, gestos imitando movimentos de animais e a atitude de “desviar-se” (na capoeira “negativa” ou negar o golpe), e assim como no Karatê, Judô ou Jiu-Jitsu, por exemplo, o uso da força do seu oponente usada como vantagem, além de saber “cansar” seu oponente, guardando assim, sua energia para finaliza-lo.

A técnica propicia uma eficiência tal que, segundo os guaranis, os antigos guerreiros Xondaro conseguiam agarrar flechas em pleno vôo. Assim como a capoeira, que pode exercer a função de luta ou de dança — conforme as circunstâncias —, a Xondaro também possui um papel múltiplo. Luta, dança e canto. Porém, como música e dança, a Xondaro está totalmente integrada às experiências religiosas xamânicas, aparentemente não sendo exercitada isoladamente como folgado. (BOND, 2004, s.p.)

Da transição dos povos indígenas capturados e escravizados aos negros trazidos da África, isto é, do processo em que houve o abandono dos indígenas até a transposição dos escravos negros, demorou um tempo para acontecer, o que tornou evidente ao compartilhamento ao uso das senzalas. Houveram relacionamentos interraciais, misturando não apenas DNA, mas também linguagem, costumes, culinária.

Adaptações foram feitas para realização de cultos religiosos, rituais de passagem, fabricação de vestimenta, de instrumentos, dentre outros.

A escravidão foi uma instituição que se estabeleceu no Brasil por volta da década de 1530, quando as primeiras medidas efetivas de colonização foram implantadas pelos portugueses. Essa escravização ocorreu, a princípio, com os nativos, e, entre os séculos XVI e XVII, foi sendo gradativamente substituída pela escravização dos africanos que chegavam no Brasil pelo tráfico negreiro. (SCHWARTZ, 2018, p.219)

Deve ser levado em consideração, além dos povos escravizados, os europeus que se intitulavam como donos do novo continente, trazendo para o mesmo, pessoas, costumes, arte e cultura de uma civilização completamente diferente e conflitante com a realidade conhecida por eles.

A músicas, ritmos, a danças, as línguas e a lutas, ou seja, as culturas desses povos, vem se mesclando desde então...

2.2.1 Elementos Musicais

Na “bateria”, para a música da capoeira, hoje em dia, são usados vários instrumentos, porém alguns deles se repetem quase sempre, como o berimbau o atabaque e o pandeiro.

Para Freitas (1977, p. 67), o berimbau é um dos instrumentos mais antigos do mundo, oriundo da África a mais de 15 mil anos atrás. Porém, para Tessuto (2012), o berimbau não teria origem no “URUCUNGO que é um instrumento africano, mas, tocado como se fosse um violino, então o violino teria que ser oriundo do urucungo e não o berimbau, pois, o berimbau sempre foi berimbau e, nunca derivou de nenhum outro instrumento e, berimbau, também, é uma palavra Tupi guarani, que significa “do morro furado”. Emília Biancardi, no livro Raízes Musicais da Bahia, que é todo ilustrado, apresenta o desenho de um Arco Musical de Boca, muito semelhante ao berimbau, usado por tribos indígenas, como os Guaranis e os Tucurinas. (BIANCARDI, 2006, p. 39)

O atabaque, usado para marcação rítmica da capoeira, tem origem árabe e poderia ter o som reproduzido por instrumentos rudimentares como os fabricados nas

tribos pelos nativos brasileiros ou pelos africanos, porém, não se usa os mesmos materiais e formatos.

Embora os africanos já conhecessem o atabaque e até tenham vindo da África algumas espécies, creio que ao chegarem ao Brasil, já o encontrassem trazido por mãos portuguesas, para ser usado em festas e procissões religiosas em circunstâncias idênticas ao pandeiro e o adufe. (REGO, 1968, p. 85)

O pandeiro, tem sua origem contestada, mas, acredita-se que é um instrumento muito antigo, provavelmente da era paleolítica, muito usado entre os asiáticos, africanos e europeus. Trazido ao Brasil pelos colonizadores portugueses e, logo se tornou parte dos principais estilos musicais do país.

“No Brasil, o pandeiro entrou por via portuguesa na primeira procissão que se realizou no Brasil, o Corpus Christi, na Bahia a 13 de junho de 1549”. (REGO, 1968, p.80).

Assim, muitos outros instrumentos provenientes ou não do Brasil, também, fazem parte das criações de compositores por todo o país e, a capoeira faz uso, em cada local, de agrupamentos musicais diferentes demonstrando, extremamente, ligada as suas raízes, onde tudo é possível.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo com as limitações encontradas na pesquisa, a análise do referencial teórico aponta a capoeira como uma mescla de várias influências culturais de vários povos, assim como o próprio brasileiro.

A incerteza ou, a falta de informação sobre o passado dos escravos negros e indígenas é consequência de ações criminosas, as quais provocaram a queima de muitos documentos e mesmo verbalmente, tribos dizimadas, nunca tiveram como contar suas histórias.

Com a abolição tardia, o Brasil se tornou o país mais escravista das Américas, o que passa a falsa impressão de que, apenas os negros escravos tinham a participação na construção da capoeira, lembrando que, a mesma teve que se desenvolver à escondida e disfarçada, sendo que, o conhecimento acerca da capoeira

foi passado, verbalmente, e somente entre as pessoas que tinham contato com os que praticavam.

Enfim, a capoeira chegou a todas as partes do mundo e, mesmo com a dificuldade de se comprovar fatos históricos, é inegável que pode ser considerada genuinamente brasileira. Suas nuances musicais, rítmicas, seu modo de cantar, a língua portuguesa recheada de palavras de origem indígenas e africanas, os nomes de seus golpes, sua luta e a dança implícita na ginga, o improviso, bem como seu formato tribal, onde uma roda circula seus praticantes com coro e palmas, fazem dela uma transmissora da arte e cultura brasileira pelo mundo.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Camille. A Arte Da Capoeira. 6a. ed. Goiania, GO, Kelps, 1999.
- BIANCARDI, Emília. Raízes musicais da Bahia. Salvador: Omar G., 2006.
- BOND, Rosana. “Xondaro — A arte marcial dos guaranis”. A Nova Democracia, 2004. Disponível em: <https://anovademocracia.com.br/no-17/864-xondaro-a-arte-marcial-dos-guaranis>. Acesso em 20/03/2020
- CAPOEIRA, Nestor. Capoeira: Pequeno Manual Do Jogador. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- DA CUNHA, Antônio Geraldo. Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi. São Paulo, SP, Melhoramentos, 1982, p 98-99.
- DECÂNIO FILHO, Ângelo. A Herança de Mestre Bimba. Coleção São Salomão: Salvador, BA, 1997.
- FUNAI, 2020. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/quem-sao> Acesso em 12/04/2020.
- MELLO, André da Silva. Esse Nego É O Diabo, Ele É Capoeira Ou Da Motricidade Brasileira. Revista Discorpo, São Paulo, SP, n. 6, 1996.
- MURICY, Antônio Carlos. Pastinha! Uma Vida Pela Capoeira., Gênero: Documentário, Brasil, 1998.
- PASTINHA, Mestre. Capoeira Angola. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Composição étnica do Brasil"; Brasil Escola. Disponível em: [tps://brasilecola.uol.com.br/geografia/composicao-etnica-brasileira.htm](https://brasilecola.uol.com.br/geografia/composicao-etnica-brasileira.htm). Acesso em 16/04/2020.

REGO, Waldeloir. Capoeira Angola: Ensaio Sócio Etnográfico. Salvador: Itapuã, 1968.

RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro, A Formação e o Sentido de Brasil. São Paulo, SP, Global Editora, 2014.

SCHWARTZ, Stuart B. Escravidão Indígena e o Início da Escravidão Africana. In.: SCHWARCZ, Lilia Moritz e GOMES, Flávio (orgs.). Dicionário da escravidão e liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TESSUTO, Douglas. A Capoeira desde o Descobrimento do Brasil - A Origem da Capoeira. 2012. Disponível em: <https://www.rabodearraia.com/capoeira/blog/A-CAPOEIRA-DESDE-O-DESCOBRIMENTO-DO-BRASIL-A-ORIGEM-DA-CAPOEIRA/>, acesso em 10/04/2020.